

J. Biscaino

— Muito gosta o meu
marido de fazer
balões!

DICCO

MUNDIAL



KING FEATURES SIND.
reprodução proibida.

1
- 05M

DOIS HERÓIS

Certo dia, a T. S. F. comunicou aos estimados ouvintes que os japoneses haviam atacado Pearl Harbour á traição. O negociante de vassouras, Herbert Bamford, que sempre desprezara os cobardes, ficou furo. Não conhecia Pearl Harbour mas entendeu que é infame atacar-se uma criatura distraída. Sentindo calafrios e calaquentes, perdeu o amor á vida regalada e alistou-se no exército. O filho unico foi chamado ás armas. A sorte encaminhou-os para diferentes postos de combate. Enquanto Herbert, com o posto de cabo (atribuido por ter vendido tantos cabos de vassoura) embarcou para as Filipinas, o filho foi mandado para a Tunísia.

escreveu, contando que tambem era sargento.

«Por mais que faças, meu querido filho, (respondeu o pai) estou convencido que não me passarás as palhetas. Sou presentemente capitão!...

Nova carta filial, relatando que tambem era capitão devido a ser o primeiro a fugir de Tobruk.

O pai não se deu por vencido. Ao abandonar a ilha de Corregidor, deram-lhe os galões de major e um mês de licença. Embarcou para Nova York e, ó surpresa! Encontrou o filho em casa, a chupar uma talhada de melão e envergando um uniforme novo... de major!...

— O combate está renhido! — exclamou o pai abraçando-o. — Veremos quem ganhará!...

Terminada a licença, voltaram ás respectivas unidades.

Pouco tempo decorrido, Herbert recebeu carta do filho, que rezava (acreditem que as cartas sabem rezar...) assim:

«Estou satisfeittissimo, meu pai. Numa luta tremenda contra mil alemães, recebi uma bala na barriga, o que me obrigou a permanecer na cama. Só lamento ter sido proibido de comer melões pelos médicos. Em contrapartida, estou a vencer o nosso campeonato aos pontos, no capítulo: «ferimentos», por 1 a 0...».

«Enganas-te! — respondeu o pai. — Eu é que vou na vanguarda, pois os japoneses fizeram o obséquio de ferir-me com quatro balas de metralhadora!».

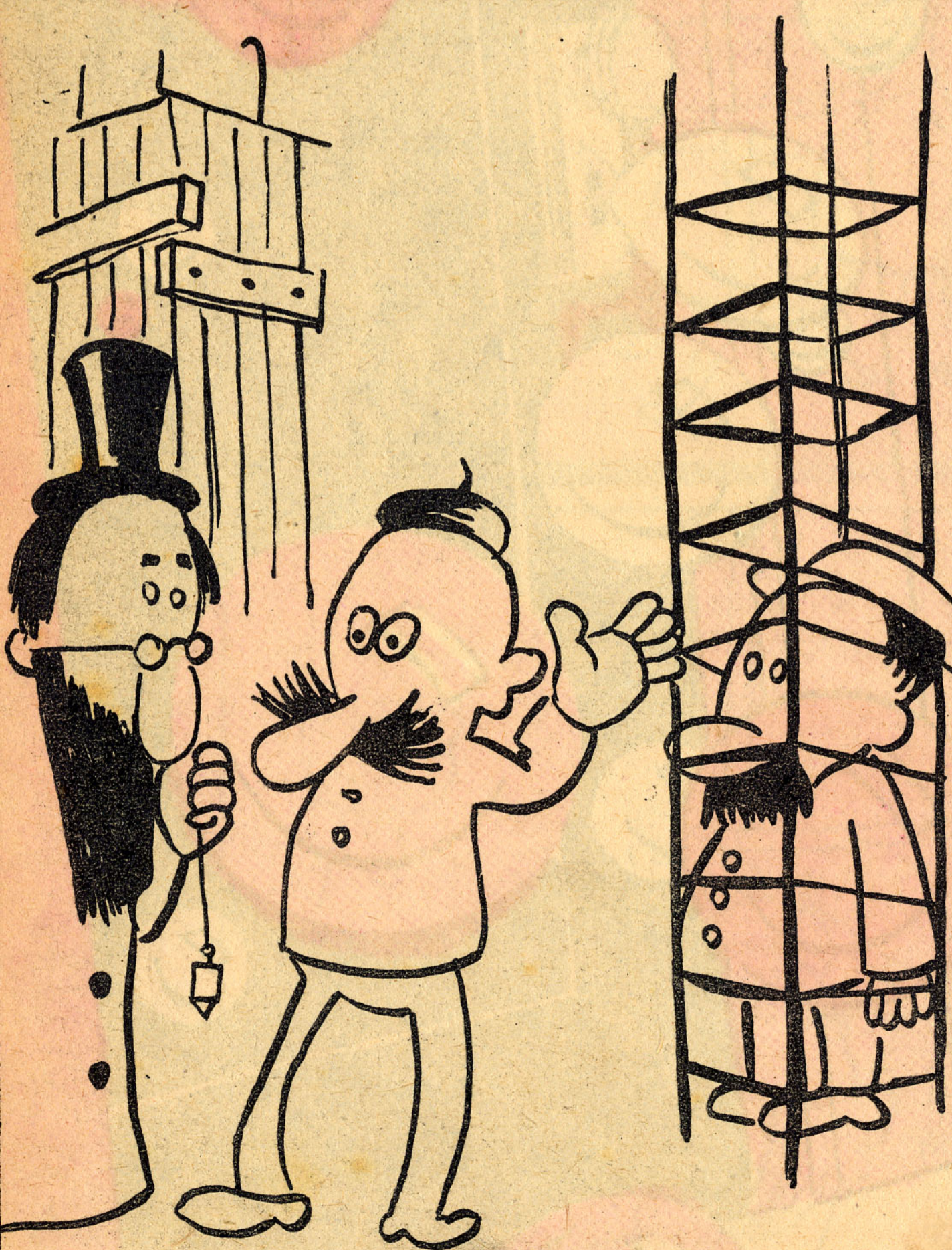
Ao fim de semanas, o filho PEDRO DE SAGUNTO



FREGUÊS EXIGENTE

— Rapaz, acabo de encontrar um bocado de madeira no pão!

— Acaso V. Ex.^a tinha a pretensão de encontrar farinha?!...



CONSTRUINDO UM PRÉDIO

— Ficou ali dentro. Agora todos os dias têm de lhe trazer a comida!



Excê

— Deixe-me adivinhar, menina!... É um rapaz!

O TRAGICO ASSUNTO DOS SONAMBULOS

Por CAMI

PRIMEIRO ACTO

(a cena representa um telhado)

Lufok Holmes. — Escondidos por detrás desta chaminé, esperamos a chegada dos ladrões sonambulos que têm aterrorizado Paris.

O discípulo. — Seu chefe, «O Bandido-científico e literário» teve uma excelente ideia ao recrutar sonambulos para fazer deles uns «escalatorres». A sua aptidão especial para subir aos telhados faz deles uns ladrões indiferentes ás vertigens.

O director da Segurança Relativa. — (que chega arrastando-se). O senhor indicou-me esta chaminé: aqui estou. Os bandidos sonambulos não tardarão a aparecer. Qual é o seu plano de batalha?

Lufok Holmes. — Vou hipnotizar o meu discípulo. Assim, quando aparecerem os bandidos, poderá segui-los sem temer a vertigem e indicar-nos o seu esconderijo.

O director de Segurança Relativa. — Caluda! Veja o telhado contíguo.

Lufok Holmes. — Eles aí estão! Avancam pelo telhado! (Hipnotizando o seu discípulo.) Dorme a sono solto!

O director de Segurança Relativa. — E, porque a sono solto?

Lufok Holmes. — E' mais prudente. Se o atacarem poderá, assim, defender-se melhor. (Ao discípulo.) E agora vais caminhar sem temer a vertigem. Não estás num telhado estás num barco salva-vidas!

O director da Segurança Relativa. — Os miseráveis andam rapidamente! Oh!... Veja!: o «Bandido científico-y-literário» acaba de descobrir o seu discípulo. Arroja-se sobre ele e atira-o á rua!

Lufok Holmes. — O meu discípulo cai dando voltas!

O director de Segurança Relativa. — Seguramente esborrachar-se-á de encontro ao solo. Não!: O seu discípulo não se há ferido ao cair! Arrasta-se de bruços para o meio da rua, fazendo movimentos de natação!

Lufok Holmes. — Sim. Por prudência sugeri-lhe que se encontrava a bordo de um barco salva-vidas. Por isso julgou cair á água. Desçamos a pescá-lo.

SEGUNDO ACTO

(a cena representa um telhado, em Veneza)

O discípulo. — Os ladrões sonambulos partiram brusca-

mente de Paris. Temos de voltar á sua pista em Veneza.

Lufok Holmes. — Estamos escondidos neste telhado e quinhentos despertadores estão no seu sítio. Tudo marcha perfeitamente.

O discípulo. — Mestre: porque colocou o senhor mil e quinhentos despertadores no telhado?

Lufok Holmes. — Para despertar os bandidos sonambulos!

O discípulo. — Agora compreendo. Ao despertarem bruscamente, os sonambulos sentirão a vertigem e cairão no canal, onde os polícias venezianos os esperam com a gôndola-celular!...

Lufok Holmes. — Os despertadores vão tocar!

O discípulo. — Já tocam! Os bandidos sonambulos desorientam-se sobressaltados.

Lufok Holmes. — Acometidos pela vertigem, caem ao canal!

O discípulo. — Os polícias venezianos sacam-nos com umas redes!

Lufok Holmes. — Um só bandido permanece em pé sobre o telhado!

O discípulo. — E' o «Bandido-científico-y-literário». Vou correr a detê-lo (Lança-se para ele).

Lufok Holmes. — Valoroso discípulo! Mas, que vejo? O «Bandido-científico-y-literário» hipnotiza o meu discípulo e precipita-o no vácuo! Que horror! A cabeça do meu dedicado discípulo parte-se como uma avelã contra a água do canal!

O «Bandido-científico-y-literário». — Eis a minha vingança, odiado Lufok Holmes! Adormeci o teu discípulo e sugestionei-o de modo a que ele julgasse estar no alto da Torre Eiffel! Assim, ele julgou cair sobre a terra e rompeu o craneo contra a água do canal! (Desaparece)

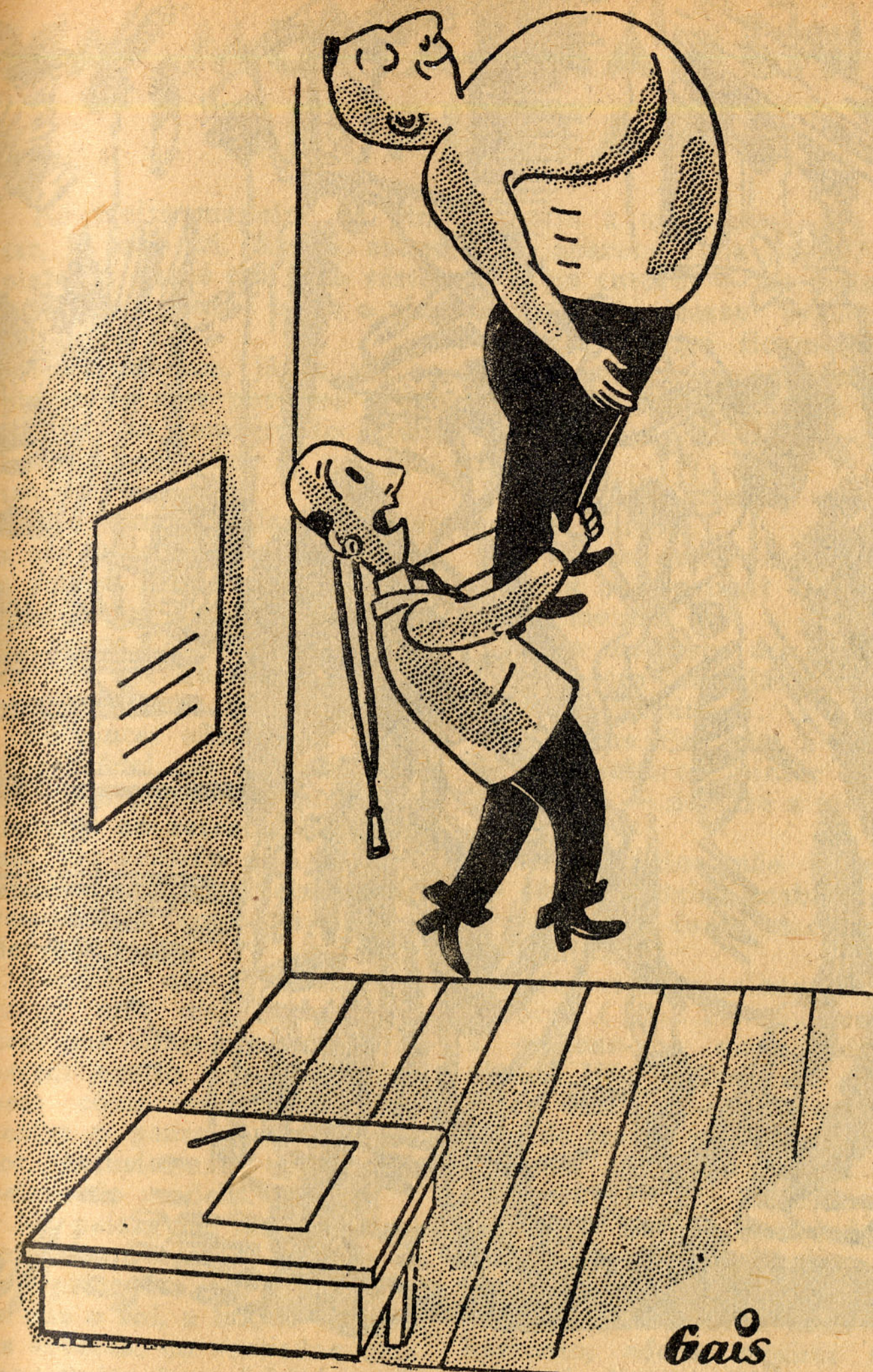
TERCEIRO ACTO

(a cena representa a casa do «Bandido-científico-y-literário»)

Lufok Holmes. — (Entrando). Eis-me no antro do «Bandido-científico-y-literário». Venho vingar a morte do meu fiel discípulo. Vou na ponta dos pés e acerco-me do leito onde dorme o «Bandido» e faço uma careta sobre o seu rosto. Feito isto, saio e espero atrás da porta até de manhã.

A voz do «Bandido-científico»

(Continua na pág. 3)



Gais

— Basta, basta!... Não encha mais o peito de ar!



Stoffelmann

— Bem dizia o senhor que este D. D. T. liquidava todos os parasitas!... Meu marido acaba de morrer!

DO CANCIONEIRO GERAL

AMOR :

*Estou sem vintém !
Não digas, por favor, àquela «santa»
que eu ando com a corda na garganta.
Manda-me um vale de cem
... para tratar dos papéis
do nosso casamento !...
Tenho o sobretudo pendurado
e faz aqui muito vento !
Como te amo mais de mês a mês !
Já vês que não é o teu dinheiro
que me faz ter este anseio !
quem me dera ver-te aqui,
a ti, e ao vale de correio !*

DON TARA



— Como V. Ex.^a vê, este aspirador eléctrico é uma maravilha !

Receitas do mestre Caldeirão

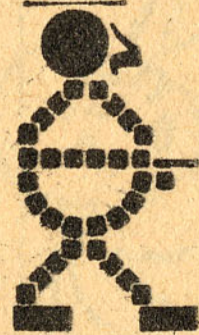
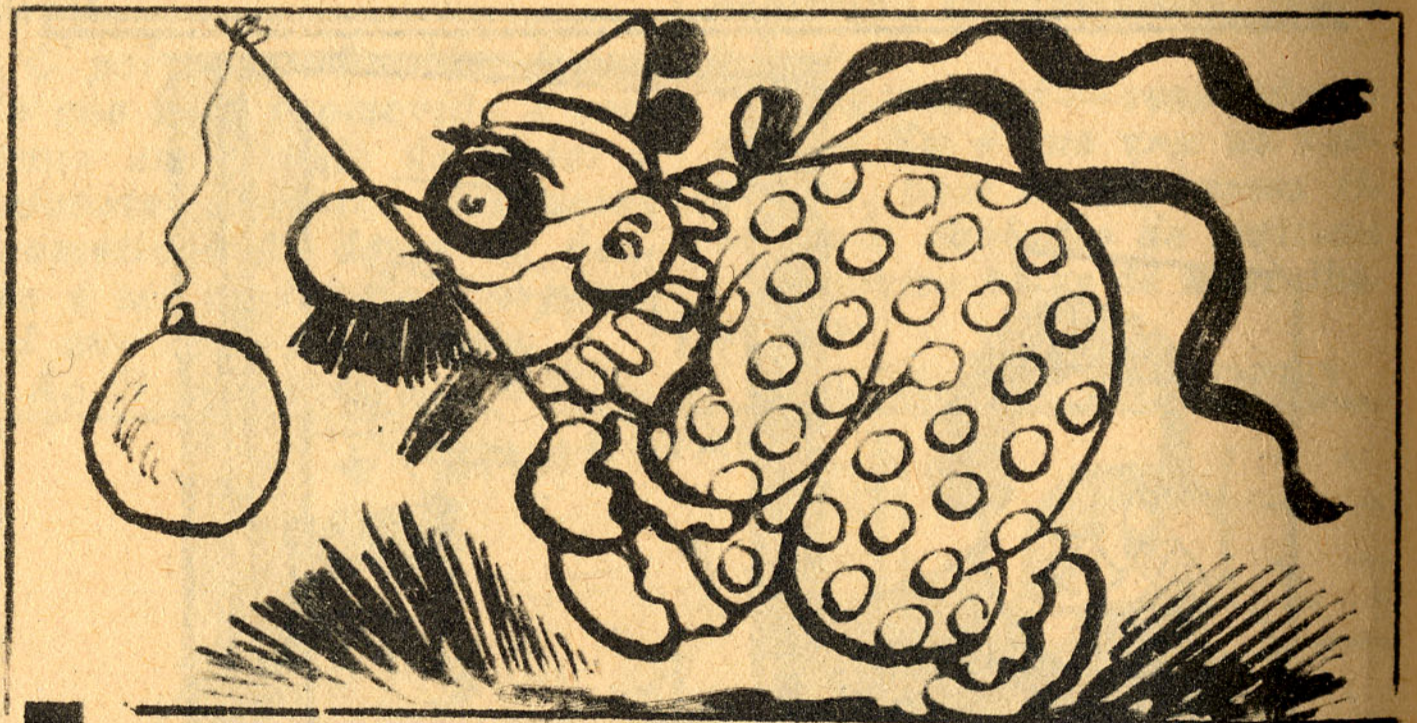
VITELA RECHEADA A CARIOCA — Compra-se um bilhete de 2.^a classe para Vila Franca de Xira. Uma vez aí, procura-se nas lezírias, uma vitela acabada de abater, de preferência 20 ou mais por cento. Tira-se-lhe um bom naco do pujador e volta-se para Lisboa, no comboio da tarde.

Ao chegar a casa, mete-se a viola no saco, perdão, mete-se a vitela no saco de fazer o café e deita-se um litro de água a ferver.

Tira-se em seguida, mete-se no forno antes que a vitela arrefeça. Migam-se duas mãos de nabos, que se colocam sobre a vitela. Depois, enrola-se a carne e espera-se que o dono da casa venha jantar.



— Sou sempre condescendente para com a policia !...
Aqui tem as minhas impressões digitais !



NÚMERO ESPECIAL DE CARNAVAL

Para que os dias de Carnaval não passem despercebidos **RISO MUNDIAL** tem na forja o seu número de

CARNAVAL

que será sem dúvida um sucesso.

Muitas páginas, muitos bonecos, muita graça

E SÓ UM ESCUDO

HA MUITA MANEIRA DE PINTAR

Há muita maneira de pintar, lá isso há. Agora, saber pintar é que é um caso sério. Aí é que o pintor torce o pincel.

Referimo-nos, já se vê, ao pintor de arte por que o outro, o da construção civil, mesmo á brocha, lá vai pintando.

Não vamos, é claro, ensinar a ser artista. Isso nasce com a pessoa. Nem, sequer, queremos impor uma escola. Cada um segue a que mais lhe agrada. Há até quem já tenha a escola toda.

Só pintar não basta. E' indispensável que o artista seja um bom psicólogo quando se dedique ao retrato. E, assim, não faz sentido que se pinte um senhor Conselheiro, muito respeitável, com um aspecto de valdevinos.

Também não é decente retratar uma menina virtuosa, com uns olhos maganos a dizerem aquilo que nós muito bem compreendemos representar o pensamento do pintor, entusiasmado perante a beleza do modelo.

Na paisagem, também deve existir um sentido exacto de interpretação, isto é, não basta que o sol, a lua, as nuvens, as árvores, os rochedos estejam muito bem feitinhos...

Há que sentir que tudo aquilo vive, tem alma e não é só pintura...

E as naturezas mortas? A mesmíssima coisa. Apesar de mortas, devem ter vida.

O maior flagelo da pintura é a menina prendada que pinta quadrinhos e se julga um génio. E' o tormento dos juris, quer queiram quer não, têm que julgar tanto e tanto pirismo!

E é ver a infinidade de cãezinhos de estimação, de gatinhos mimalhos, de florzinhas anémicas, enfim, de tanto aleijão capaz de perder a pa-

ciência a um santo! A's vezes, aparece cada pastel!...

E os autores — na maioria, autoras — desses especimes de arte caseira ficam muito irritados ao tomarem conhecimento da deliberação do juri.

— E' uma injustiça! — gritam uns.

— Não há direito! — protestam outros.

— O meu quadro é uma verdadeira obra-prima! — exclama a menina X.

— Os membros do juri são uns «botas-de-elástico»! — afirma a menina Y.

— O que eles têm é inveja de não saberem pintar como eu pinto! — declara a menina Z.

Estes brados não chegam ao céu e as telas acabam por ir para casa, fazer as delícias da família.

Para evitar semelhantes disabores é que eu aqui estou a ensinar-vos queridíssimos alunos. Não queiram ser como esses «meninos-prodígios» da arte de trazer por casa.

Quem não tem talento escusa de teimar. Poderão as tintas ser de boa qualidade, a tela de superior fabrico, os pincéis de magnífico aspecto mas se não houver nada no bestunto, adeus, minhas encomendas!

Pintem, pois, com sentimento! Empestem aos vossos trabalhos toda a sensibilidade da vossa alma, toda a chama do vosso talento!

Portanto, já sabem... Escusam de vir para cá com trabalhosinhos pífiolos!

Senão, fecho a aula e vou pregar para outra freguesia!...

VELASQUEZ DA COSTA
(Sócio honorário da Academia de Belas Artes de Patras)

A seguir:

COMO CUIDAR DOS ANIMAIS

O trágico assunto dos Sonambulos

(Continuação da pág. 3)

co-y-literário». — Ah, miserável bandido! Agora estás em meu poder! Não escaparás! Vou algemar-te!

Lufok Holmes. — Entremos.

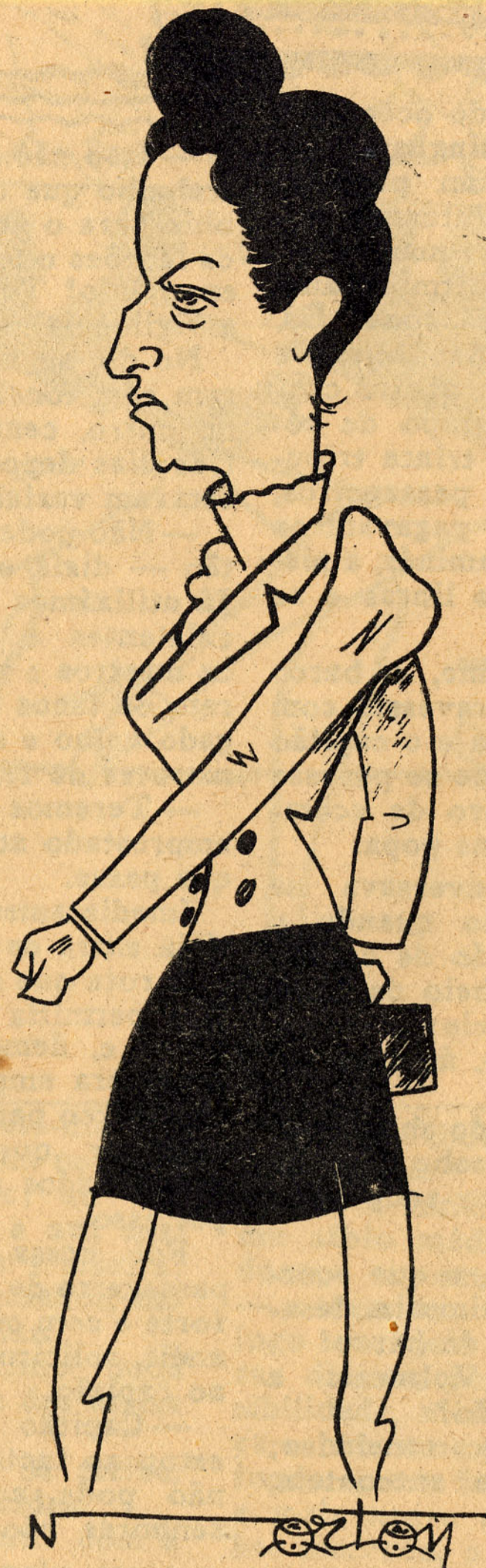
Polícia. — Que quer dizer isto? O «Bandido-científico-

-y-literário» algemou-se a si próprio!

Lufok Holmes. — Sim. Durante o seu sono fiz uma careta que era exactamente a cara do director de Seguranra Relativa. Ao despertar, o Bandido viu-se ao espelho. Por um fenómeno de auto-sugestão bastante frequente, julgou-se o director de Segurança Relativa.

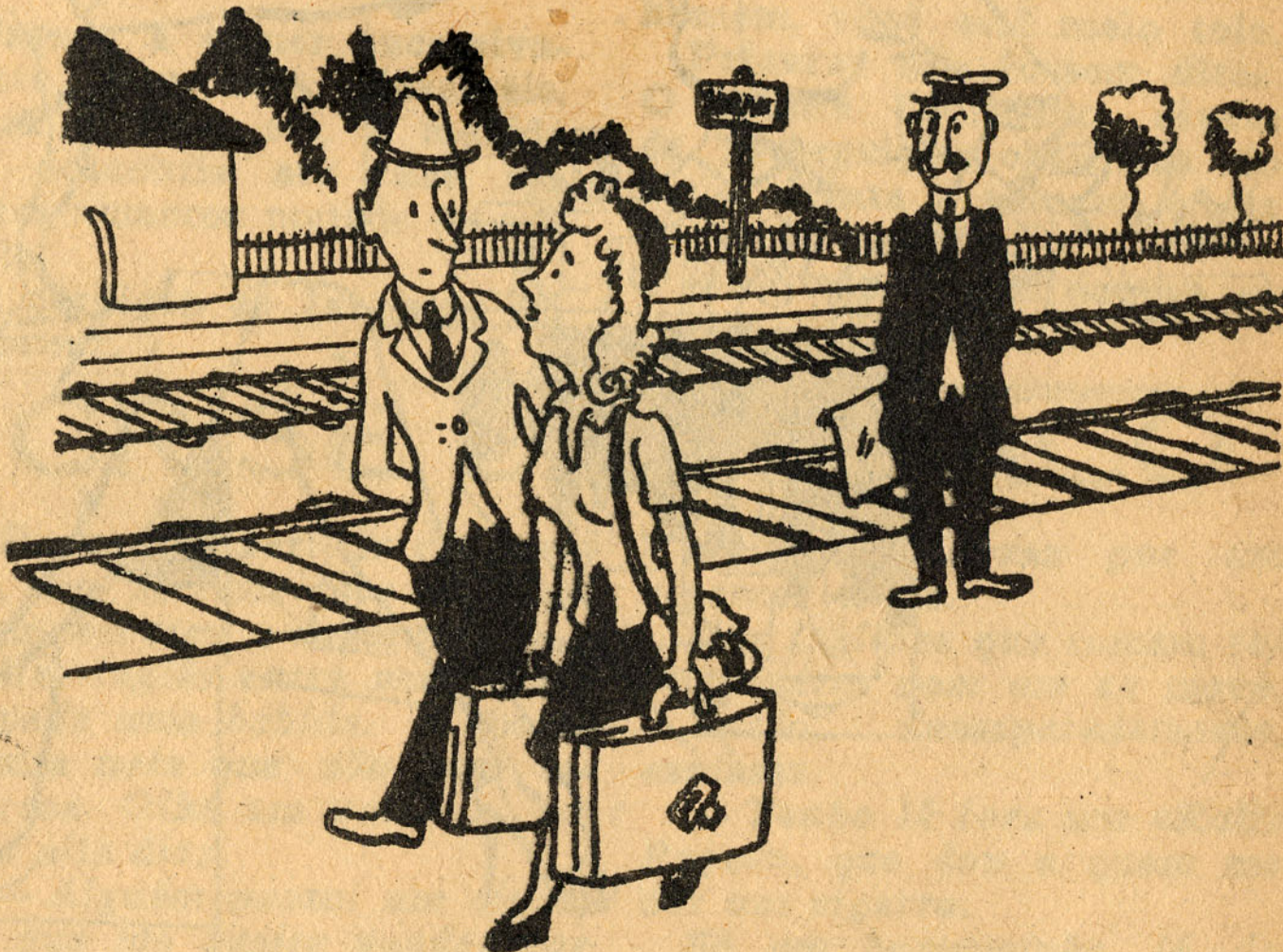
E, então, prendeu-se e algemou-se a si mesmo.

A Caricatura da Semana



MANUELA DE AZEVEDO

Uma interpretação de MARIO NORTON



— V. Ex.^a, sem dúvida, viaja por prazer, não é verdade?
— Eh! não, cavalheiro! Vou encontrar-me com o meu marido...

MERCADO NEGRO A BORDO

Na imensidade do oceano, o «Estrela de Birmingham» assemelhava-se a um pequeno grão de alpista flutuando sobre a superfície do mar.

O «Estrela de Birmingham» carregava sete mil toneladas, quatro quintais, dez libras e cinco onças; tinha quatro chaminés, piscina, campo de tênis, novecentos e trinta tripulantes e três mil passageiros, que eram os que pagavam os tripulantes, as chaminés, a piscina, as onças, as libras e as toneladas.

Como de costume, o barco realizava a sua travessia com a lotação esgotada e o capitão havia ordenado que se pusesse um grande letreiro de «completo» na proa e na popa.

O capitão conversava na ponte de comando quando o maquinista, tisonado de carvão e com o rosto cheio de suor, apareceu junto dele:

— Meu capitão, às suas ordens.

— Não é proibido abandonar as máquinas? Já sabe que não gosto que o barco ande sózinho!

— Meu capitão, o que ocorre é grave: continua a desaparecer o carvão do barco!

— Como!?... Voltaram a roubar mais carvão?

— Hoje, cinco toneladas; ontem, quatro, e anteontem, duas.

— Isso não pode ser! Tanto trabalho que custou á Companhia para o arranjar, para que os ladrões o levem agora! Que escândalo! Tenho de reforçar a vigilância!

No dia seguinte desapareceram cem toneladas de carvão; no outro, cento e sessenta e três dias depois, as carvoeiras estavam vazias.

— Não podemos andar, capitão — dizia o maquinista —. Já utilizámos todos os jornais existentes a bordo; ardemos os mastros e até já se queimaram os tacos de bilhar, o calçado velho e as mesas dos camarotes de terceira.

— Teremos de pedir carvão emprestado ao primeiro barco que passe.

Imediatamente correu a notícia entre os passageiros.

A rota que eles seguiam não lhes permitia encontrar outro barco e, demais, ninguém estava para emprestar carvão.

O barco parara e até os passageiros que não estavam acostumados a navegar deram por isso.

Foi nessa altura que um passageiro de primeira, homem forte e com os dedos cheios de anéis, solicitou uma entrevista ao capitão.

— Capitão — disse-lhe —, estou ao facto de que o barco não pode andar, porque os senhores não têm carvão.

— Com efeito, cavalheiro: Confesso-lhe que não sei como resolver esta dificuldade.

O passageiro sorriu. — Muito particularmente: Eu posso vender-lhe carvão. Precisamente me dedico a este negócio e confesso que ganho bastante com ele.

— A como o quilo? — perguntou ansiosamente o capitão.

— A dois escudos com o transporte á parte.

— Parece-me muito caro...

— Não o duvido, mas não pode ser por menos. Advirto-o que tenho vários pedidos e...

— Não, não! Aceito. Envie-me já trezentas toneladas.

Meia hora depois vários camiões enormes percorriam a cobertura do barco e descarregavam o carvão.

Dois dias depois o capitão dizia a outro passageiro:

— De modo que o senhor assegura que me pode arranjar carvão?

— Absolutamente: Este amigo meu que está no camarote numero oitenta e dois, vendê-lo-á, se eu lho disser, quatrocentas toneladas a 25 tostões.

— Mas isso é um escândalo! Que abuso!

— E tenha em conta que eu ganho apenas dois tostões em cada quilo!

Quando o barco entrava no porto de New York, o capitão

comprava os quatro ultimos sacos a seis escudos o quilo, com a condição de fechar os olhos á pesagem.

A Companhia que havia fretado o «Estrela de Birmingham» teve uma perda de sessenta e quatro mil dólares e sete centavos.

CERO (Tradução e adaptação da «CODORNIZ»)

KING FEATURES SIND. reprodução proibida.



LAMENTAÇÕES DO JEREMIAS

por ALBANO SALGADO

Vocês não conheceram porventura, o Jeremias Dias Santos?

— Não? Eu também nunca o vi mais gordo.

Na ocasião em que os olhos se me detiveram na sua incomensurável figura, estava ele prestes a atingir o esférico, e, segundo o pensar dos graves e doutos biógrafos do respeitável varão, jamais a panga illustre lhe tomara proporções tão avantajadas.

Devido á sua categoria geométrica, o Jeremias era possuidor de uma curiosa particularidade matemática: em certas circunstancias da vida era quádrupulo embora as más linguas afirmassem que era quadripede.

Comia por quatro, bebia por quatro, e, muitas vezes, andava a quatro, em razão de certa inclinação hereditária que o impelia a essa inclinação dorsal.

Contudo, chegou um dia á conclusão de que, sem embargo da sua rotundidade, nada mais era do que meio homem.

Que levou o nosso herói a tão extraordinária ideia?

Fora o caso que, por acaso, ouviu dizer ao mestre-escola possuir a unidade quatro quartos.

Ora, esta afirmação levou-o a uma conclusão perfeitamente lógica:

Se a unidade era constituída de 4 quartos, ele, que só tinha dois, era, sem tirar nem pôr, metade de um homem.

Então, começou de recordar que, quando passava por qualquer tasca, sentia ganas de beber meia-canada, preferindo certo pingato meio-se-

co, almoçava ao meio-dia e, á meia-noite, já dormia no meio da Paz do Senhor; ao ver, pela primeira vez a sua mulher lhe disse: Vi-a e amei-a; e daí a pouco, já casados, davam os dois a meias.

Com tal raciocínio pode avaliar a influência das meias na sua vida.

Entrou de odiar os meios, as meias, e as metades.

Se adregava discutir com a Briolanja, apenas pelo facto de ser a sua cara-metade, não estava com meias-medidas, enviava-lhe tal saraivada de solha capaz de carregar um torpedeiro, quanto mais a doce Briolanja que fazia lembrar uma vedeta com água aberta ou uma canhoneira aposentada.

Passou a comer sucessivamente, por oito, dezasseis, trinta e dois, etc. á medida que descobria ser cada um destes numeros metade do seu duplo.

A perdição de Jeremias foi o dormir.

Até ali tinha um sono de doze horas.

Com a furia dos dobros — um sábio médico deu a esta doença o nome de dobradiça — necessitou de dormir 24 e logo que quis dormir 48 horas diárias, perante a impossibilidade, atirou-se, de cabeça a um desespero mais profundo que a fossa do Planeta e mais negro do que o célebre mercado, o tal.

Um dia o homem-fenómeno consulta certo Esculápio a quem expôs o seu drama matemático.

Este depois de se ter entregue a uma meditação madura — bebeu um copito do maduro a que dava o nome de meditação — dispara-lhe: — homem, você está meio tolo.

Palavras não fossem ditas. O infeliz doentinho, diante da perseguição obstinada do meio, desata a soluçar, e diz implorativamente:

Meio não, senhor doutor, ao menos, todo inteiro!

CRISE DE TABACO

Durante o período da guerra, com as restrições em Londres, ocorreu o seguinte:

Um inglês entra num «bar» e pede uma bebida. A certa altura nota que não tem cigarros. Olha em volta e em voz alta diz:

— Alguém possui um cigarro que me queira vender por seis dinheiros?

Ninguém responde.

E, quando ele oferece um shelim, tudo continua calado.

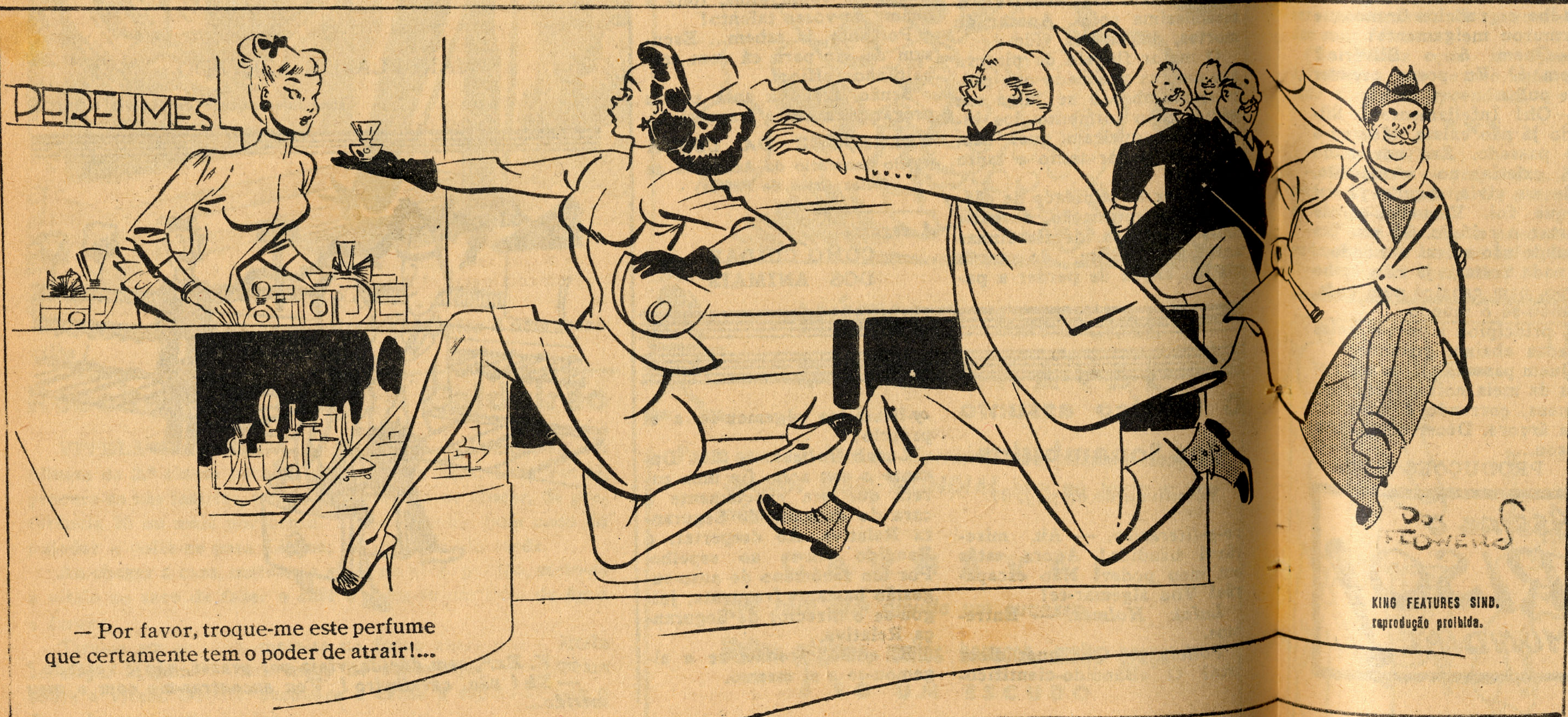
— Dou 50 Libras por um cigarro! — diz.

Dos ingleses que tomam refrigerantes nem um se move. Então, desesperadamente, exclama.

— Tenho lá fora um «Rolls Royce», que dou a quem me der um cigarro.

Só um homenzinho lá do fundo, que bebia um copo de leite, voltou levemente a cabeça, perguntando:

— De que ano?



KING FEATURES SIND. reprodução proibida.

NORTADAS

- Solteira?
- Não.
- Casada?
- Não.
- Divorciada?
- Não.
- Viuva, por acaso?
- Não.

— Começo a ficar seriamente impressionado... A senhora, pelo físico, poderia ser qualquer uma dessas coisas. Tem o sorriso optimista de uma jovem de dezóito anos que ainda pode esperar um marido; a tranquilidade de quem já o encontrou; o ar de dúvida de quem não se livrou inteiramente dele, e, neste momento, a expressão radiosa de quem aliviou o luto e pode escolher, entre os vivos, o que não lembre em nada o falecido... Ah! espere... Já sei: anulada... — Anulada!? Acertou. Não descobriu nada em mim que pudesse ser definido pela sua irreverência? — Sim: a expressão cruel da mulher que pôde casar com o amigo mais íntimo do seu ex-marido.



— Seu marido era loiro? — Era. Como adivinhou? — E' que eu sou moreno... Deduzi, apenas...

///

Duas horas da manhã: o mesmo par, de baixo da mesma pérgola:

— Sou casado. Não sei como isto aconteceu... — Infeliz? — Sim: casado há cinco anos. Um lustro, como diz o santo do meu sogro, querendo passar brilho na minha união...

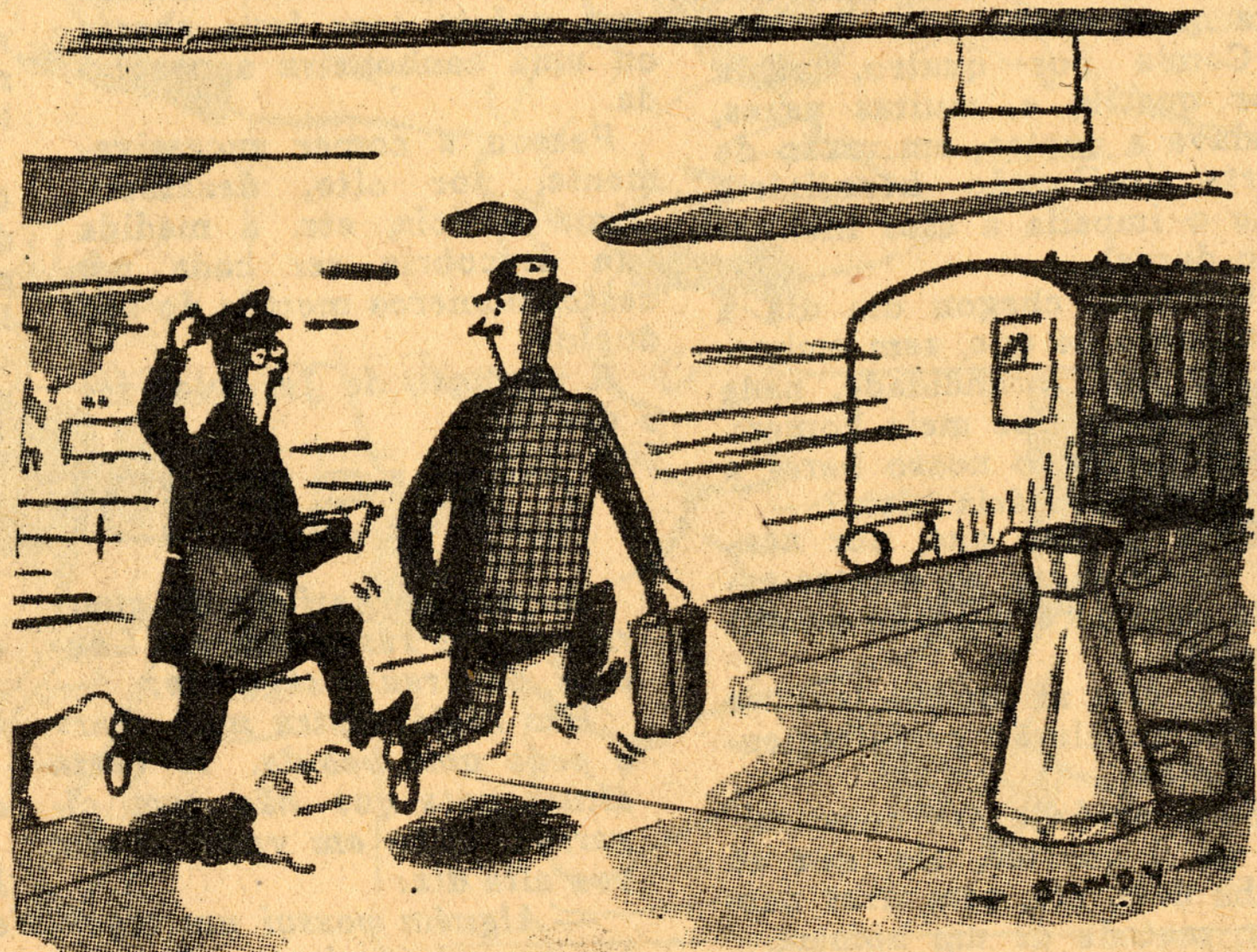
— Sua mulher é perigosa? — Nunca vê nada, porque desconfia sempre. Ensinou-me a fazer as coisas bem feitas. Tenho um medo louco das mulheres que confiam... Não acha que eu sou idiota?



APROVEITANDO O TRABALHO DOS OUTROS

— Por que? — Fazendo estas confidências a uma mulher que será minha... Descobrimo o meu jogo como um colegial... — Tem a certeza absoluta de que serei sua? — Absoluta. — Como sabe? — Diga-me uma coisa: seu marido não era nada inteligente. Não é verdade? — Como adivinhou? — E' que eu o sou, um pouquinho; deduzi apenas... — Mas, escute, eu sou solteiro... e vou casar consigo!...

MÁRIO NORTON



— Vê para que servem tantas perguntas?!... Agora ambos perdemos o comboio!!!

dos os tempos. Talvez daqui resulte a sorte do mundo. Shut... não diga nada a ninguém. Uma só palavra e o meu grandioso plano perder-se-ia. Ficaremos célebres. Siga-me em silêncio e nada de exclamações. Lembre-se de que só a nós cabe o salvamento do mundo.

Abriu uma porta que rangeu no sossego caricoso da noite. Uma bafurada de ar quente roçou pelas faces do polícia, que sorriu satisfeito. Enquanto subiam umas escadas de estreitos degraus, o guarda pensava:

— Amanhã, quando disser á Felisberta, que salvei o mundo, ela decerto não se importará de casar comigo.

E, orgulhoso de si próprio, suspirou com alegria.

— Pouco barulho seu bruto — berrou o outro que subia, rastejando.

O guarda entreolhou-se e desfez-se em desculpas. Baixou-se também, caminhando ajudado pelas mãos, imitando o homenzinho.

De repente, ouviu-se um rugido agudo, e um tremendo estorondo que fez estremecer o prédio. O polícia acendeu um fósforo. O homem, pálido, escondia o rosto entre as mãos e praguejava:

— Pronto, falhou o meu plano. Tantos anos perdidos, e para quê? Foi o Silvério... foi o maldito cão; estou queimado com o chefe...

— Então? — murmurou o polícia — já não salvamos o mundo?

— Cale-se — tornou o outro irritado, dando fortes murros no peito.

— Foi o Silvério — berrou — foi aquele malandro...

O polícia, condoído, afagou-lhe os cabelos brancos, e murmurou meigamente:

— Quem é o Silvério? Quem é? Eu posso prender esse pulha.

— Oh! Infelizmente o Silvério já não existe. Morreu o ano passado. Era um doído que existia no manicómio, onde eu vivia. Aquilo já sei o que foi. Esqueceu-se de acertar o relógio. Só por um segundo não salvei o mundo... Já nada resta... já não tenho corpo, nem cabelos nem nada. Acabou-se o mundo...

E principiou a correr pelas escadas abaixo, gritando.

Quem passasse ali, pouco depois da meia noite, veria dois homens, correndo á volta de uma árvore. Decerto ninguém passou...

PRODUÇÕES HECA

Assine o
RISO!
MUNDIAL!

UM BOM EMPREGO

Por Santos Fernando

A casualidade encontrara-nos na mesma carruagem de caminhos de ferro — essas carruagens vulgares onde muita gente se encontra.

O meu vizinho ostentava, com um deman garboso e irritante, um relógio e pulso, sem marca e de 14 rubis, como se no pulso tivesse um cronómetro ultramoderno que fosse aos limites de regular as vezes que o Imperador Tsai-Tchiá usava o autoclismo.

Na algibeira pequena do casaco pendurara duas canetas e uma lapiseira. A piseira era de prata e devia ser herança dum daqueles parentes que apenas os deixam uma colecção de asas de anatólís, uma lupa ou uma conta para pagar; as canetas eram dessas ultimas novidades em canetas que têm não só a faculdade de possuir tinta para dois anos como para deixar de escrever em dez minutos.

Viajava com duas pequenas malas, sem títulos, ao contrário do que fazem os ovos ricos que, posto nunca tivessem sido do Perú, adquirem, a qualquer preço, etiquetas multicores e espampantes dos diversos hotéis por onde já passaram o sultão Ihrad Allahid, o realizador Frank Kapra, o temível Al Capone e aquele senhor que tinha 3 filhas e a do meio era careca!

O que mais me surpreendeu, ao entrar na carruagem, foi o facto de esta seguir apenas com um passageiro. Demais que hoje, o povo, sequioso dos grandes acontecimentos, é capaz de se juntar aos milhares e ocorrer á aldeia de tal só porque vai inaugurar um novo mictório.

Talvez porque ia-mos nós, entabulamos conversa — eu e o meu compariheiro de viagem que não podia negar ter um estudante de agronomia em golas suas férias.

(As férias que se fizeram para aprender o que se não sabe e esquecer tudo o que se aprendeu).

★★★

— Um cigarro? — Obrigado — respondeu. Prefiro fumar indirectamente. Os outros fumam e eu aspiro o fumo! — E' um excelente processo! Assim pudesse fazer com as refeições. — Vai para a cidade?

Respondi-lhe que sim, infelizmente. Lembrei-me de o convidar a retirar as canetas da algibeira por causa dos ladrões.

Sorriu e disse: — Enquanto me levam as estilográficas deixam-me a carteira.

O seu principio psicológico era bastante aceitável.

Um mês depois vim a saber que lhe haviam roubado ambas as coisas.

Falamos sobre empregos. Disse-lhe que ia para a redacção do jornal «Z», como reporter.

— E' um jornal patusco, — acrescentei — mas tenho necessidade de emprego!... O director é um imbecil. Vi-o uma vez de costas, o suficiente para apreciar as suas diminutas qualidades! Quem fala nele fala no Editor e no Chefe de Redacção!... Todos uns insuicientes.

— Vive do jornalismo? — Sim.

— Os meus pêsames! E olhou novamente aquele relógio antipático de 14 rubis e sem marca.

— Porque não se emprega num armazém de sucata?

Perguntei-lhe se tinha algum aberto. Respondeu-me que não mas que a ferrugem dava dinheiro.

Quando o comboio parou na próxima estação entraram duas inglesas de tipo francês (palito de la reine). Mas, quando começaram a ler o jornal diário — o jornal «Z» — notei que não eram nem uma coisa nem outra.

— E' este o jornal para onde vou!... Costuma lê-lo? — perguntei ao futuro pseudo engenheiro agrónomo.

— Não, mas terei muito prazer depois que o meu amigo nele ingresse!

Agradeci dizendo: — Poderia ser um bom jornal se não fosse tão mal orientado!

— O meu tio tem uma garagem na estrada da Encosta. E' muito concorrida pelos turistas estrangeiros. Arranjar-lhe-ei aí um lugar! A estrada é pedregosa, propositadamente para as «pannes» que se tornam usuais.

Há muito que fazer! Se não se der bem com o seu director...

Agradezi, articulando que o jornalismo me interessava mais.

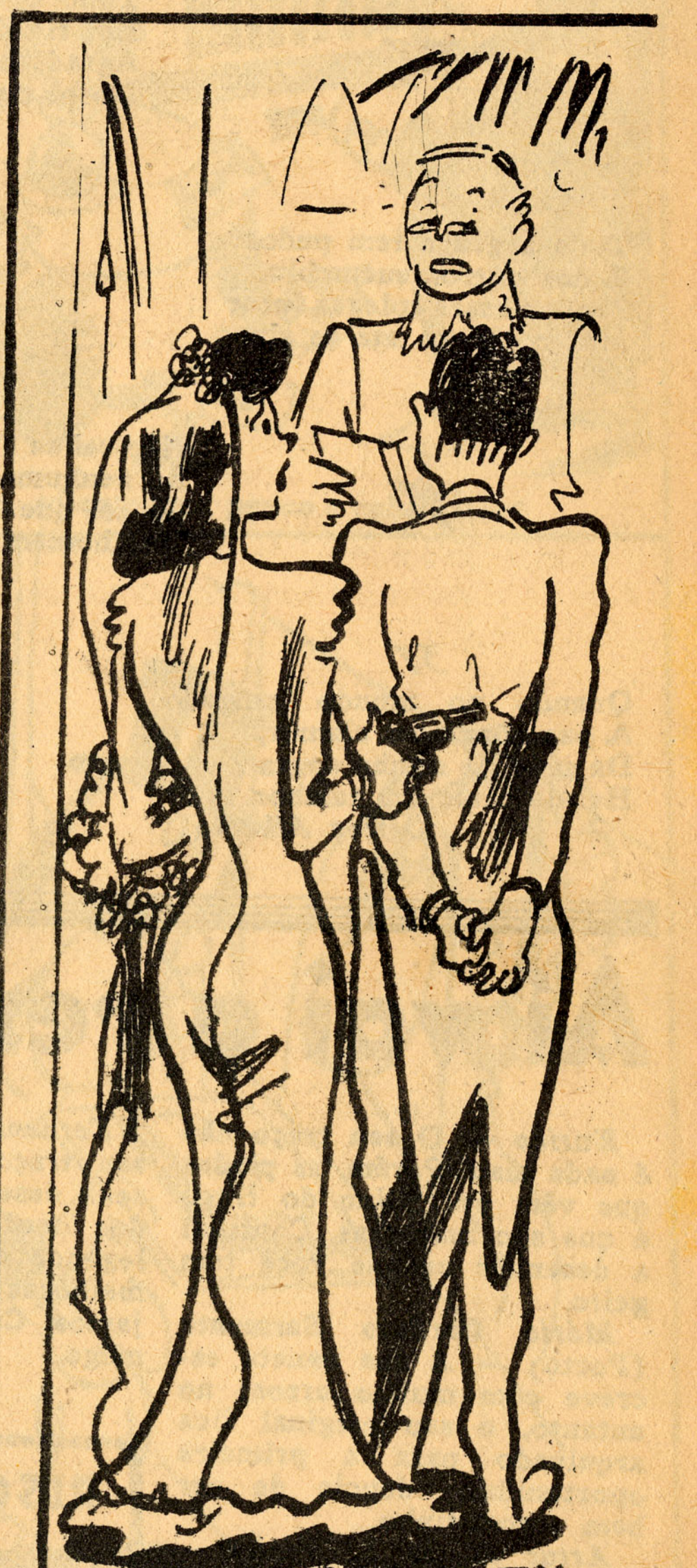
O comboio em breve chegou á cidade. Saímos ambos. Foi altura de cada um se despedir depois das cordiais trocas de nomes.

Depois de dizer o meu, esperei aquelas palavras sacramentais: «Fulano de tal. Estudante de agronomia».

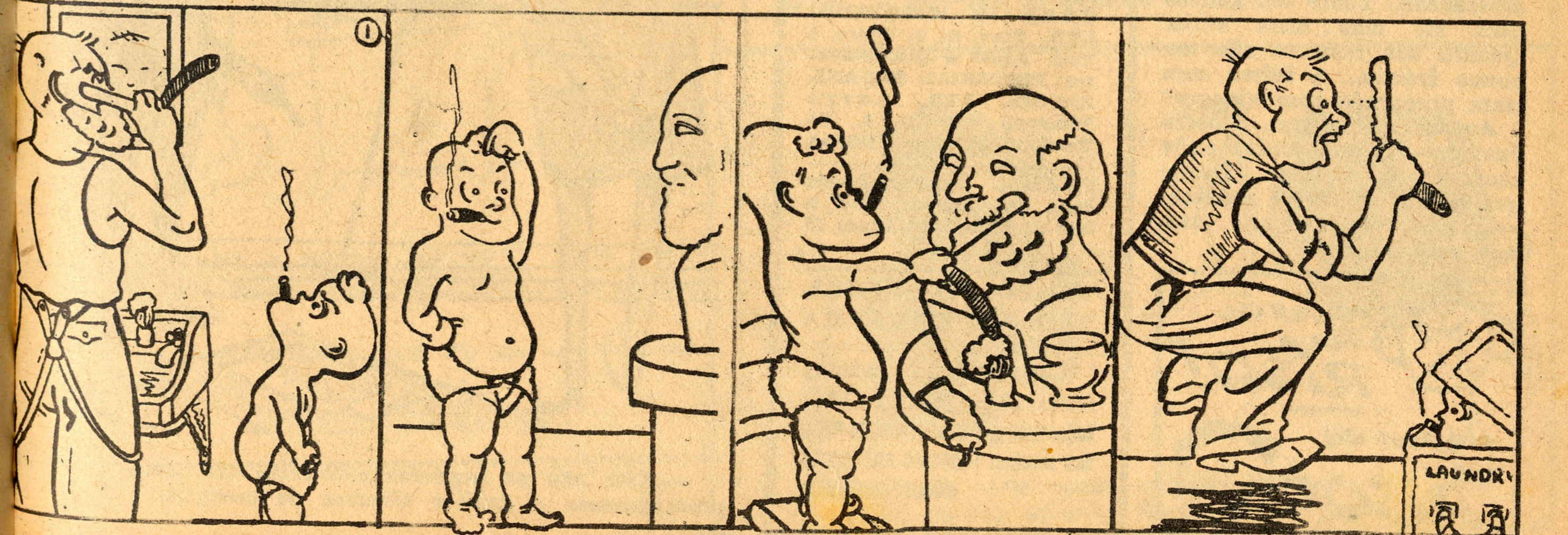
Mas, ele, exclamou: — René Moulin, director do jornal «Z».

★★★

Duas semanas depois, eu, exercia a profissão de mecânico de automóveis na tal estrada propícia a «pannes» inumeráveis!



— Aceita de livre vontade esta senhora para sua esposa?



O GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

ESQUELETOS NO AR

33
No outro mundo afinal,
E, se lá não o houver,
Terá que ser inventado
Este «Riso Mundial».
Eva Oliveira Barbosa



34
Todo o nosso Portugal
Em risada está agora;
Agradece-se ao «Mundial»
Nosso riso de toda a hora.



Toda a graça tem pudor
E dos outros sucumbiu,
Sentem esses colegas furor
Mas o «Riso» até se riu.



36
Não sei se a quadra tem graça,
Se nenhuma graça tem;
Só sei que é grande desgraça
Um homem não ter vintém.
Carlos Alberto



37
Quando no mundo zangado
A paz soar com clamor,
Da pele da minha sogra
Hei-de fazer um tambor.
Carlos Alberto



Aí vai a resposta

Eurico — O seu traço não é nada mau. Porém, as piadas que vêm por baixo do traço é que são mázinhas. Continui a desenhar porque você tem geito.

Mário Cardoso Sarmento (Porto) — A sua caneta escreve com muitos erros; no entanto, o seu original fica arquivado para a primeira oportunidade depois de ser bem escovadinho...

Artur A. da S. Vieira — «Lamentável precipitação» é lamentavelmente um vento destravado. Tente um género para rir mas mais sério. Quanto aos bonecos são um pouco fracos... e feitos com tinta preparada com vinagre!

António Baptista Ribeiro Junior — O meu amigo pode escrever à vontade. Desde que o seu original é publicável, evidentemente que também será pagável!

Fernando das Neves — O seu traço é muito bom. Os seus desenhos, serão publicados desde que os faça com legenda e com piada. As suas melhoras é o que todos desejamos. Cumprimentos e Sarago.

RISO MUNDIAL

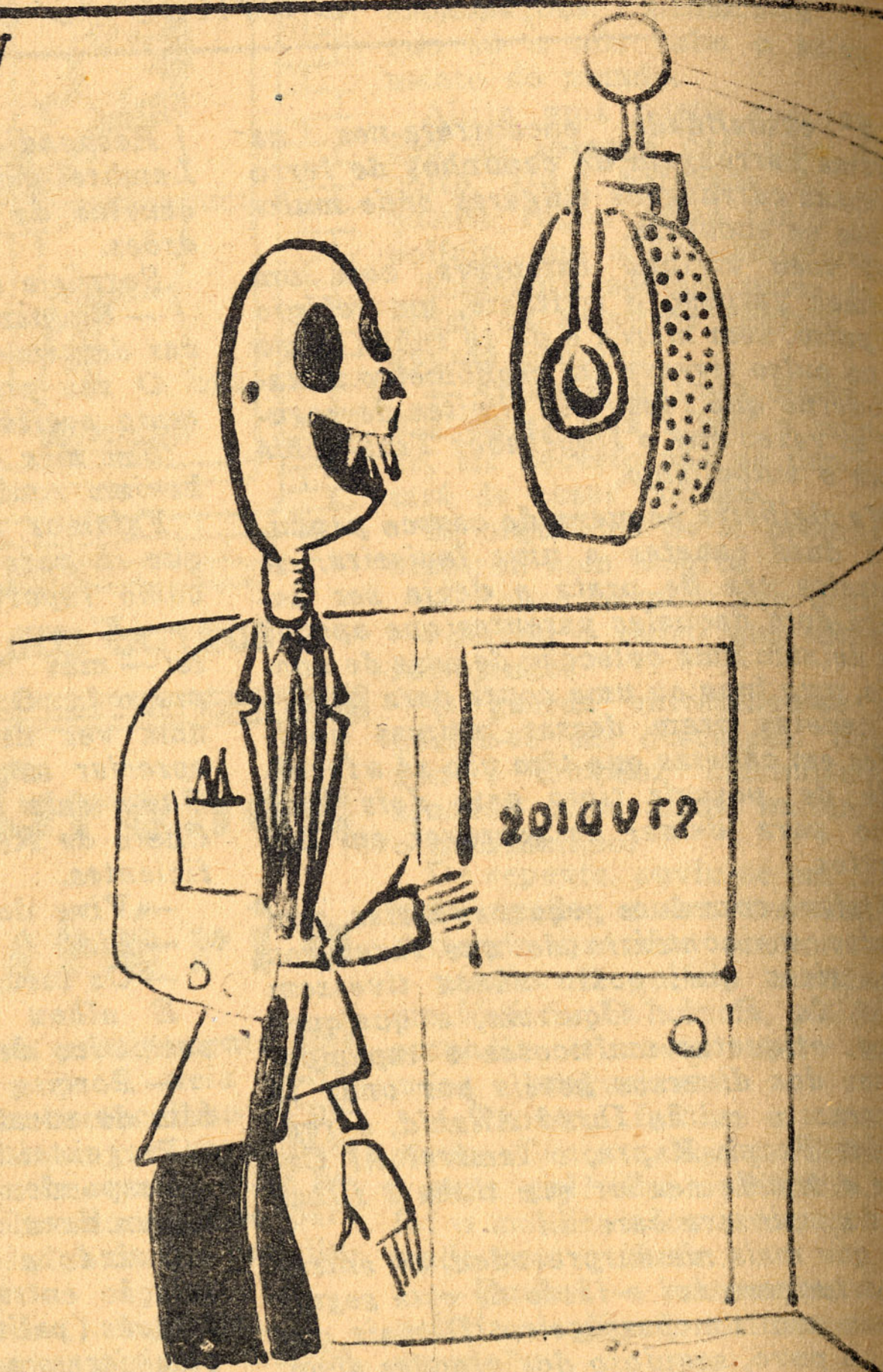
Redacção e Administração:
R. DE SANTANA (A LAPA), 15-LISBOA ★ Composição e Impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LTD., Trav. de S. Pedro, 9 Tel. 2 5893 ★ Distribuidores: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LTD., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º Telefone 2 7507 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (á Lapa), 15 LISBOA

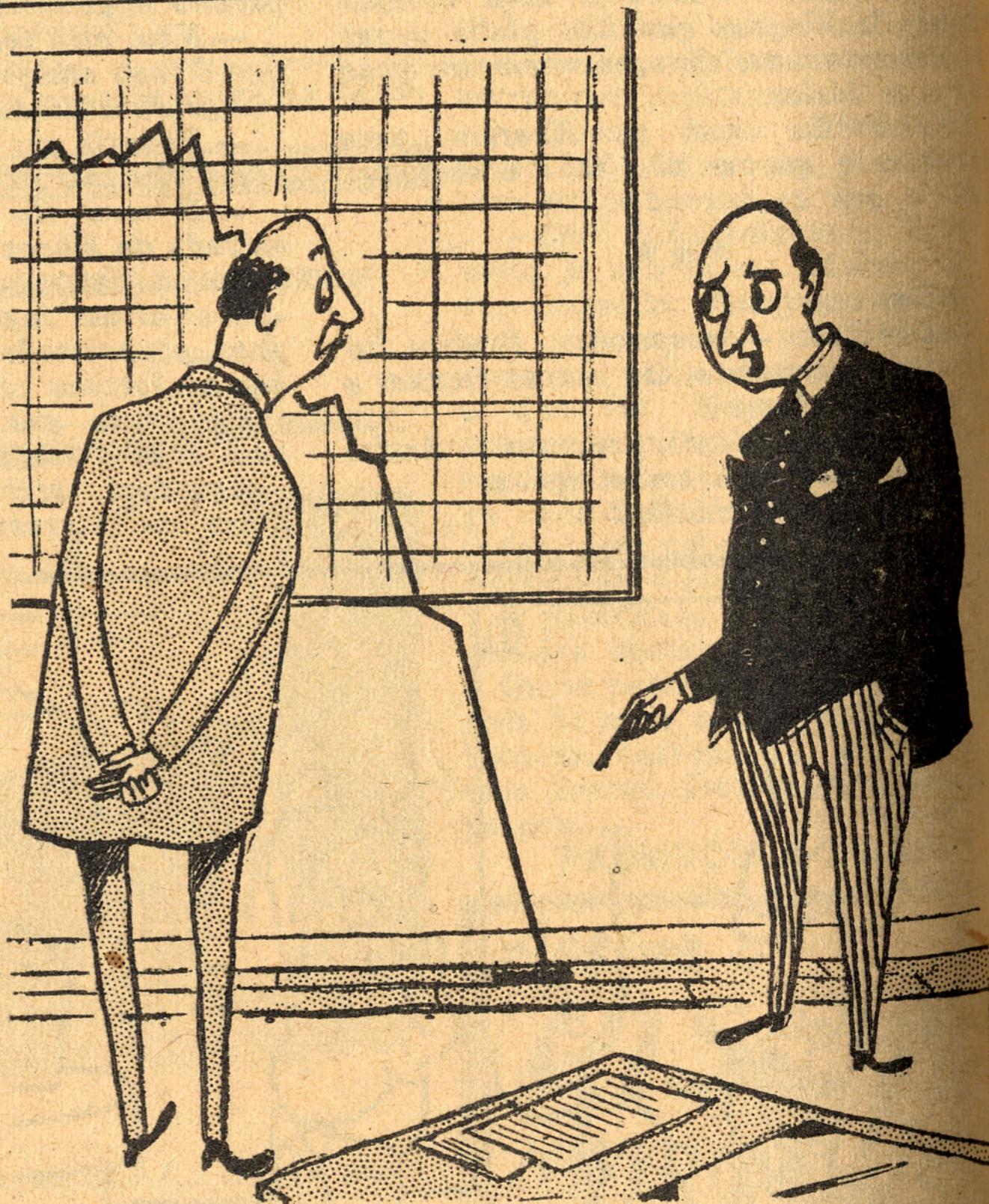
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Director (interino) e Proprietário:
JERÓNIMO PINTEUS DE SOUSA
Editor (interino): J. A. ROUSSADO PINTO
Red. principal: FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

XV



— Vão V. Ex.^{as} ouvir...
— Quem é?



— Este ano os negócios estiveram tão maus que para prolongarmos o gráfico tivemos de comprar o andar de baixo !...





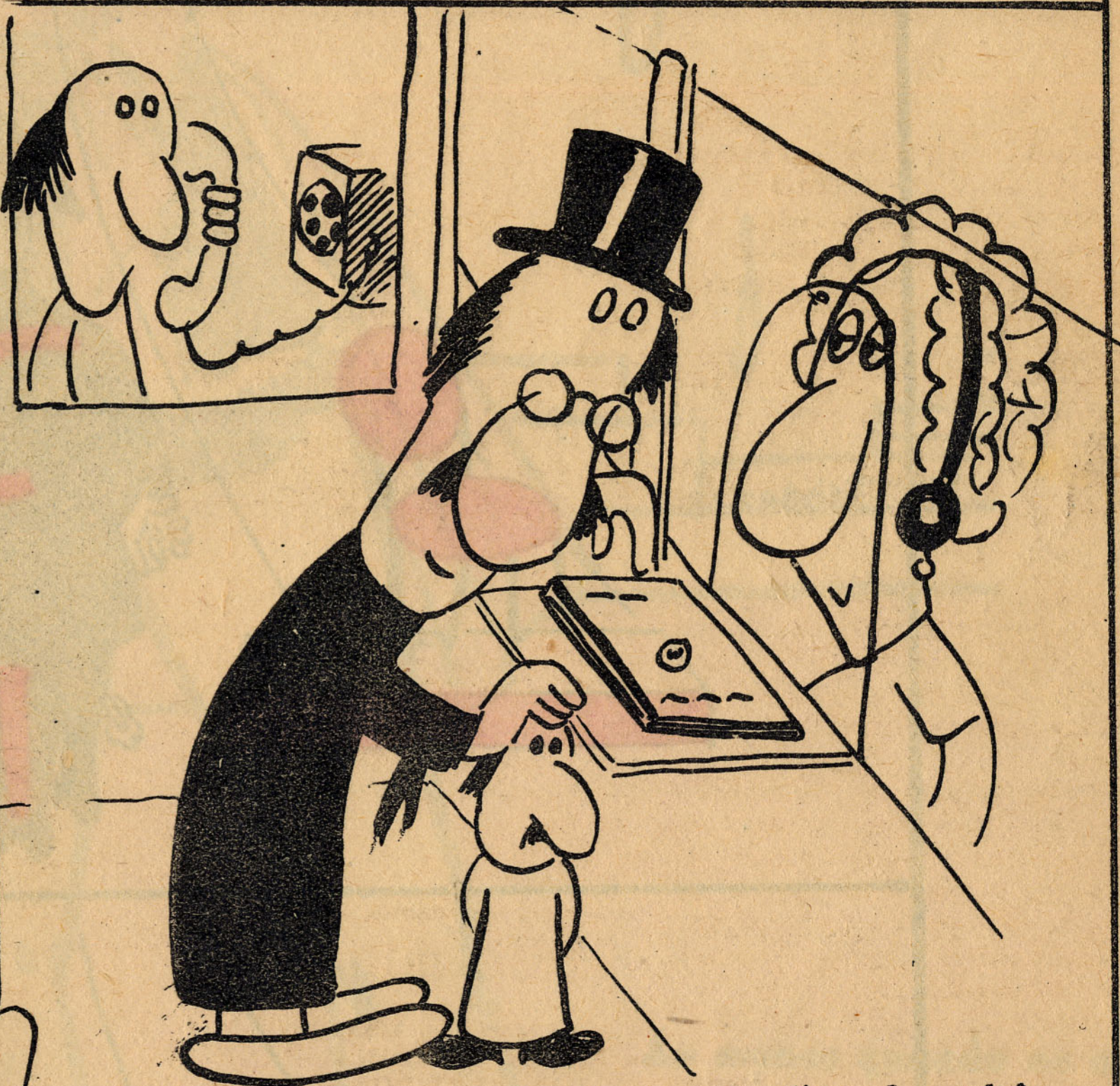
— A CADA VEZ QUE DISPARO, SAI UM RIO DE ESPUMA! EM VEZ DE CARTUCHOS VENDERAM-ME PAUS PARA A BARBA...



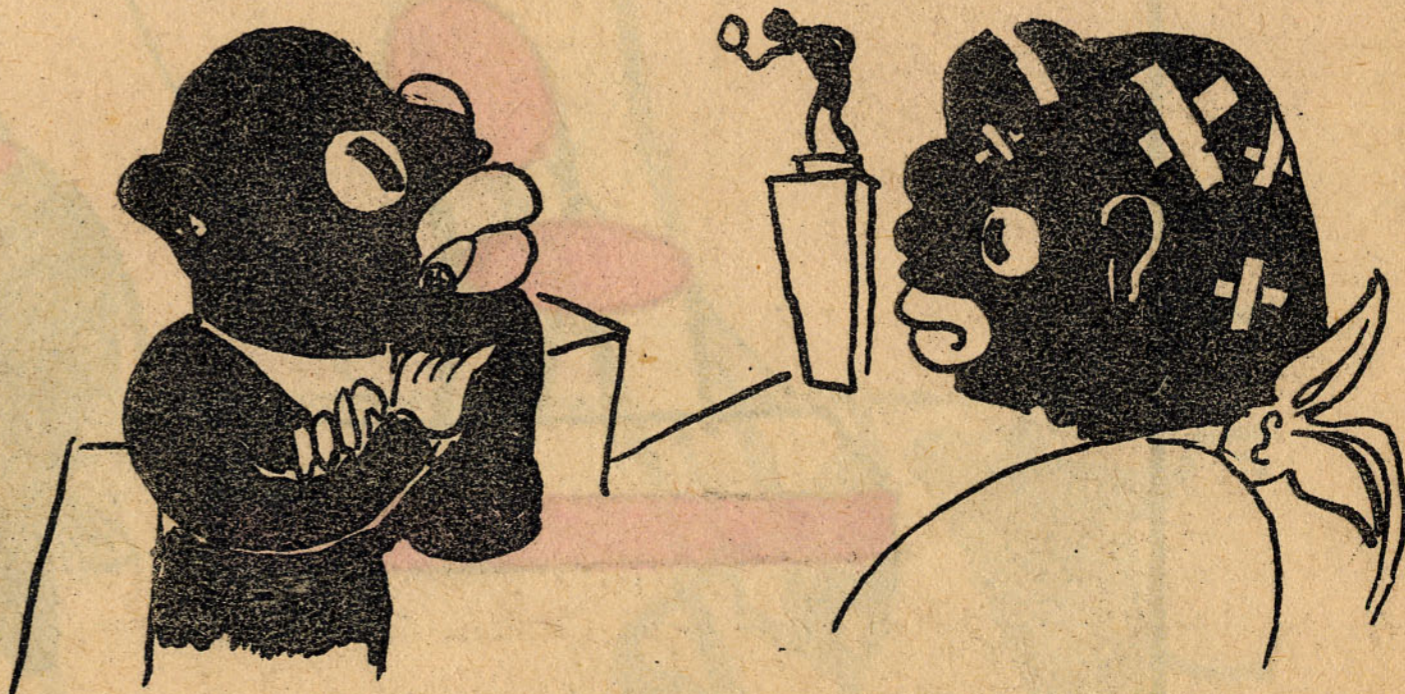
— Como fazia muito frio, adiantei um pouco o calendário!



— NÃO PERCEBO O MOTIVO DE VOCÊ TER ESCRITO "QUEEERIIIDOOO ANIIIGOOO" EM LUGAR DE "QUERIDO ANIGO"?
— DESCULPE-ME, MAS É QUE EU SOU UM POUCO GAGO...



— A senhora pode-me arranjar outra lista dos telefones?... E' que esta já a lemos toda...



— FIZ TÃO IMPETUOSO O MEU ATAQUE, QUE NÃO TEVE TEMPO SEQUER PARA SE DEFENDER...

